

4. MAR

*música favorita, rede balançando, água quente no refogado, voz da
minha mãe, ventilador de teto, cigarra, computador ligando, chuva
no vidro da janela, lápis no papel, colher de pau batendo na tigela
de plástico, torneira ligada no tanque, tubulações de parede,
minha própria mastigação, salto no asfalto, aquaplay, gargarejo,
limpador de parabrisa, roupa úmida sacodindo no ar, fósforo
riscando, vento assoviando, articulação estalando, risadas
variadas, suspiros*

Antes de tudo, e com medo da ausência, decidi que colecionaria meus sons favoritos;

fiz uma lista, não queria perde-los de vista com o esquecimento.

O plano era inventar estratégias para guarda-los e envia-los ao futuro surdo, de maneira que eu ainda pudesse me relacionar com eles no silêncio.

Mas depois que comecei a mergulhar na Baleia, esse plano perdeu força.

Um dos impulsos para este almanaque, antecedente ao começo de sua escrita, foi uma performance que realizei em um evento chamado Esforços³². A ela dei o nome de ‘Fábula Abissal’: uma piscina tone e eu dentro dela, vestida de baleia (capa de chuva lilás e adesivos colados no rosto com a temática submarina). Convidava os transeuntes para brincar de ouvir debaixo d’água. Com o corpo submerso, eu tentava contar pedaços da história da Baleia surda. Era difícil escutar, o interlocutor tinha que mergulhar a cabeça e insistir por um tempo. Inicialmente, esse era meu maior desejo: instaurar atenção e tempo estendido numa conversa, demandar do ouvinte algum esforço (tomando o nome do evento como premissa). Uma das pessoas que experimentou o mergulho sinalizou o fracasso: “se vivêssemos debaixo d’água, teríamos que aprender um outro jeito de ouvir, porque esse não funciona.”

Entendi que precisaria correr o risco.

Abrir mão dos meus sons favoritos, aceitar que talvez eles se percam em minha memória. Sair do lugar de vítima e desbravar as lacunas sonoras – ali descobrir novas escutas, outros modos de ouvir.

Comecei pela provocação que não saia de minha cabeça:

Como ouvir debaixo d’água?

Essa pergunta foi trampolim para um outro trabalho; uma busca que iniciei junto com a artista/pesquisadora Luiza Leite. Num momento em que eu desejava muito

³² Esforços é uma mostra de performances do Rio de Janeiro, idealizada e curada por Caio Riscado e Lucas Canavarro; com realização de Miúda

realizar algo em colaboração, ela foi escuta generosa. Juntas, decidimos procurar a submersão. Não fizemos nenhuma projeção de resultado, estávamos à deriva. Luiza assumiu a função de bússola; apontando possíveis caminhos, recortes e provocações durante o percurso; uma curadoria de processo. Enquanto isso, eu girava a roda do leme.

Tentei pensar em alguma coisa que pudesse me trazer a sensação de submersão.

Por onde começar?

Tinha uma ideia, mas a evitei por um tempo.

Inauguraram um aquário no Centro do Rio. Eu sabia que em algum momento seria inevitável minha visita. Faz tempo que deixei de gostar de aquários.

Precisei de fôlego.

Já de frente para o primeiro retângulo de vidro, os receios desapareceram.

Feitiçaria, a dança tentacular das águas-vivas. Sua cor, seu tempo.

Fico pensando na ironia: seres aparentemente pouco complexos que superaram seus contemporâneos dinossauros. Seres que pouco detêm o controle de sua locomoção. Livres até mesmo do próprio arbítrio.

Ainda por cima com um nome tão estúpido. Como se água não fosse viva.

Por outro lado, é fabuloso pensar que um elemento virou bicho. 98% elemento, 2% bicho. Não saberia precisar, mas sei que mais da metade do meu corpo também é água. Nessa matemática, é meio caminho andado para a total submersão.

Para a outra metade, eu tinha algumas opções.

Tentei me deixar levar pela correnteza.

De repente, um cardume de gente me arrastou para outro retângulo de vidro.

Fiquei irritada. Eles falavam muito, fotografavam e apontavam.

Olhei para a água e me distraí com as sardinhas. Elas estão sempre tão juntas. Como se toleram? As sardinhas me lembram senhoras em uma grande excursão sem guias. Parece desesperador. Não para elas. Adoro essa fisionomia de quem não sabe de nada. Descomprometida, aleatória. Mas o que eu mais gosto nelas e da cor prateada. Acho curioso os peixes prateados serem os mais comuns.

Ora, são prateados! Senhoras com seus cabelos grisalhos.

Lembrei de minha vó, ela era pescadora na região dos Lagos do Rio. Confeccionava sua própria rede de trabalho, extraia sal nas salinas de São Pedro. Ela sempre foi água, água salgada da lagoa. Se confundia com aquela paisagem, mesmo antes de seu cabelo pratear. Eu gostava quando ela preparava suas próprias sardinhas. Colocava todas num prato e espremia limão. Com as espinhas, desenhava um círculo no contorno do vidro escuro. Comíamos a quatro mãos, deitadas na rede.

Depois de ler sobre minha experiência no aquário, Luiza destacou o trecho que falava sobre as salinas. Ela propôs que manuseássemos o tempero. Preparamos a superfície de uma mesa: cobrimos todas as partes da madeira com folha branca e papel manteiga. O detalhe da espessura da mesa, ainda descoberto, se destacava. Ele era vazado e dividido por camadas, como se fossem pequenas câmaras. A imagem me fez lembrar o interior da concha do náutilo. Quis desenhar uma espiral no papel da superfície. Começamos com um retângulo áureo, marcando as linhas com régua e caneta. A espiral não deu certo. Não coube na rigidez da precisão do traço. Recomeçamos de outra maneira, experimentando desenhar com uma linha móvel. O sal. As proporções se reorganizaram; nos ajustes da tentativa, na possibilidade do ir e voltar com as arestas salgadas. A mão empurrava o sal, que deixa rastros pelo caminho. Tal qual espuma de onda. O som dos grãos sendo movimentados sobre a superfície do papel parecia barulho de mar. Se o retângulo áureo simula perfeitamente uma salina, isso já não importa. Estamos obcecadas com aquela descoberta: fechando os olhos, podemos mergulhar num mar sem água. Finalmente submersas.



O sal fica escondido na água até que ela evapore. Ele só se revela na ausência.
Que invisíveis submersos minha surdez, ou outros vazios, podem descobrir?
Depois do sal, fiquei com vontade de revelar mais segredos do mar;
de fazer uma coleção de seus invisíveis.
Vim até a praia.
Pensei que se fossem outros tempos, eu já estaria sentada na areia juntando
conchinhas – uma outra coleção que costumava fazer.
Acho que sempre gostei desse movimento de reunir coisas diferentes conectadas
por um laço em comum.
Nunca terminei minha coleção de conchas. Nem daria.
Os segredos do mar também parecem infinitos.
Tento ouvi-lo de uma outra maneira; descobrir um outro jeito de me relacionar.
Vejo um buraco de tatuí e me imagino na situação deste bicho: como deve ser
escutar o mar debaixo dele mesmo? Que segredos ele esconde enterrados da
areia?
Para ampliar minha coleção, eu precisava de outras perspectivas.
Outros pontos de vista.
Pontos de Escuta.

Escrevi um bilhete e enviei para alguns remetentes.
Era um pedido com cara de convite. Queria que essas outras perspectivas
compartilhassem comigo um segredo do mar, um segredo que só suas ausências
poderiam ouvir. Esses remetentes seriam meus “Pontos de Escuta”³³.
Vinte aceitaram me ajudar na coleção.
Defini um prazo para que me entregassem os segredos, e também propus que
trocássemos áudios durante o processo – uma maneira de acompanhar a busca
pelos invisíveis. Os áudios me guiariam pelo percurso do outro.
Foi interessante, apesar das trocas terem sido tímidas. Ao final do prazo, só cinco
pessoas me retornaram. Não soube o motivo dos outros terem desistido, não me
contaram. Num primeiro momento, fiquei desanimada com o fracasso.

³³ “Pontos de Escuta” foi o nome que dei para esta ação; que reuniu os segredos do mar revelados pela escuta e pela ausência presente em cada um dos colaboradores: Maria Isabel Iório; Caio Riscado; Stephany Simões; Júlia Klien e Jefferson Lyrio.

Lembrei da dificuldade de ouvir na polifonia das multidões, do meu movimento de reajuste das companhias e de afastamento do bando.

Minha coleção está cheia de buracos, isso parece justo.

Fico aliviada com o fracasso. De alguma maneira ele preserva o invisível infinito da coleção – que não se completa nem para esta etapa.

Segredo I
(Maria Isabel)

aquele menino, menino,
q antes de ser menino
na minha vista,
arrancou d'areia
placa, vermelha, de
correnteza, e aí
quando já na minha
vista, q são só dois
olhos e não dão conta
de todos os começos, ou
acontecimentos, como
o menino q acontece,
e ali na praia diante
de mim era só o menino
carregando a placa da
correnteza pela orla,
sem outra placa q
explicasse o motivo,
q explicasse o futuro
da placa, do menino
ou do mar, o mar q
agora afogava gente

sem aviso, enquanto
eu sentada na areia
de onde a placa foi
arrancada, arrancada
lá talvez longe, sim,
mas a mesma areia, eu
n'aquele pedaço dessa
areia faltando placa
sinal eu faltando um
olho q soubesse pular
do aquário, q fosse
menos atracado ou
mais molhado mas mesmo assim
podendo assistir
o menino arrastar a
correnteza no estandarte
e esperando notícias no
dia seguinte q ontem um
menino resolveu levar
o mar à cidade e disse
q perigo mesmo é
água parada.

Segredo II

(Caio)

ouvi do mar
que é preciso
dançar

*

assim como vi
no corpo de
alguns meninos
as ondas em
movimento

*

deixei no mar
seu nome completo
não para o mar
mas no mar
o que é
completamente
diferente

*

ouvi do mar
que é preciso
afundar

e
saudade
é palavra que
se escreve na
água

*

quando quiser me ver
escreve meu nome na
água
me deixa ser só
lembança
incompletude

Segredo III

(Stephany)

Sente na pele o que toca e transborda
 Queimaduras
 Mergulhar não / Aproximar-se
 Formas variadas de vapor
 Invisibilidade/ miragem/ modificações das formas
 antes fixadas
 85°C
 Explosões
 Surpresas-caminhos
 Caminhos-surpresa
 O espelho cintilante desaparece e ressurgue de

uma ferida na terra

sinto-me sensível e pequena
 E, ao mesmo tempo, parte do todo.
 As pequenas fontes de poder.
 E o grande, frio, em minha terra, me assusta.

Uma grande descarga está prestes a me sugar
 Solidão sugada. Sigo, suco, juro, juego.
 Quero planar nos saís que me assombram

O grande plano de relevos e montanhas móveis clama por atrações.
 As luzes cintilantes, potentes, aparentemente estáticas,
 guiam a dança de seus olhos. Impressas nos relevos móveis,
 bailam em diálogo,
 com passos ritmados,
 ondulados,
 certos,
 espumantes.

Em cima ou em baixo, ela se pergunta.
 O grande espelho lhe parece uma grande descarga.
 Não vai ao encontro do reflexo da circunferência iluminadora
 – ouviu histórias em sua infância –
 sobre algum nascimento de uma planta.
 Não quer metamorfosear, quer contemplar o que parece que a qualquer instante
 pode
 sugá-la.
 Para cima ou para baixo.

E de repente ela se sente em casa. A areia escura vulcânica massageia os pés e as
 ondas ventam paisagens de sua terra. De olhos fechados, parece estar em contato
 com a maior nudez de si. O que as pessoas daqui podem falar sobre o mar?
 Prefere inventar.

areia circunferência descarga espelho espumante luzes miragem montanhas nudez solidão sugar
 tempo transborda

Segredo IIII

(Júlia)

‘ ‘ ‘ # ‘ ‘ ‘ # , , , ,
 . , , ,
 ~ ~ ~ | | | || ~ | |||
 |||||~|~|~||| ~ ~ ; ; ; ; || ~ ~ ~ ~ | ~ ~ ~
 ;|~ ~ ~ ~ | | | ~ ~ ; ~ ; ; ; ; | | | | ~ | | |
 ~ ~ ~ ; ~ || ~ ; ~ | ; ; ; ~ ~ ~ ||||| | . |
 \ , . . , . .

Segredo IIIII

(Jeff)

um céu cor de rosa e laranja ou azul bonito escurecido de fim de tarde que vem com uma sensação nostálgica como a memória de um filme ou talvez seja o apelo da canção que me faça sentir assim mas sem dúvida as ondas quebrando forte ou apenas um mar calmo porém ruidoso tem parte fundante no que toca no fundo de mim

a canção compõe a paisagem e inaugura nela um foco se quisermos assim porque uma letra é uma letra e esta é uma canção cantada que insere com sua letra uma nova paisagem dentro da paisagem

o cenário praticamente se repete com exceção de uma figura sentada de lado na margem pós rebentação o rabo na espuma pose de fotografia a expressão marcante e as costas para a linha do horizonte a mulher peixe corre lágrimas

há um belo assobio uma melodia ou do vento ou de gente e a gente logo pensa será que é canção de sereia e logo tem medo e uma curiosidade abobalhada o vento também canta e provavelmente são suas notas as grandes responsáveis por essa sensação esquisita que não me abandona

pois que eu gravei tudo isso dentro de um recipiente como quem captura um momento mágico dentro de um momento mágico e o que obtive foi a distorção daquela irrealidade criada e vi nascer no interior de uma nova moldura um atalho para um terceiro ou quarto lugar

alguma coisa aumentou o volume de tudo talvez fosse a ventania ou o som que vinha do oceano para a praia e ficou certo que se podia perceber agora mais próximo as vozes de outras pessoas que vinham rodear a voz que cantava

foi então que obcecado pelo ruído do mar prossegui em gravar aquele registro manipulando agora os primeiros ruídos na ânsia de transformá-los no meu mar afundando num recipiente côncavo ou cilíndrico e depois voltando à superfície num vai e vem de maré disfarçada

a gravação da gravação parcialmente bem sucedida assim como tudo o que existe o que conferiu então àquilo um mérito absoluto alterou novamente a cena sendo ela ainda a mesma mas como que em uma de suas realidades paralelas disponíveis repeti o procedimento incessantemente a gravação da gravação da gravação afogando uma na outra impossível caminho contrário lembrando a condição genuína e inevitável da impureza em todas as coisas

queria que fosse possível de tanta repetição reproduzir o oceano tal qual ou não seria o oceano um ato de repetição infinito ou quase isso para o fundo mas a tradução é um esforço monumental e fadado ao fracasso

uma vez pareceu ser como quando se coloca uma concha sobre um ouvido e parte-se ao menos parcialmente daquele lugar e sempre continuou intocada a canção como que por provocação mitológica entocada dentro de mil e uma faixas paisagem na paisagem aquilo que sempre vez em quando sopra.